

# Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
**CARLOS MALHEIRO DIAS**  
DIRECTOR ARTÍSTICO:  
**FRANCISCO TEIXEIRA**  
\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
**J. J. DA SILVA GONÇA**  
\*\*\*

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Imprecção

Rua Formosa, 42-11500/R



A GRANDE DANÇARINA RITA SACCHETTO

# EM CASA DE ROQUE GAMEIRO

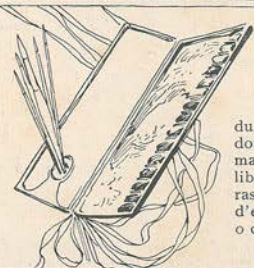
OS NOSSOS ARTISTAS e VIDA ARDUA E LUCTA DIFFICIL

A vida artistica portugueza, mercê das restricções do meio, em raros casos reserva para os seus cultores mais triumphaes fonte de independencia altiva com que consigam tornar bella a existencia, pondo-lhes ao alcance da mão as realisações praticas de ideal que nas almas dos eleitos estremece.

Na sua grande maioria, entre nós, o escriptor e o pintor resumem para as exigencias da sua profissão a lucta em obter mansarda ou atelier onde se refugiem nas horas de elaboração poetica, longe da agitação ruidosa e ardente dos grandes centros, para que as idealisa-

ções germinem e fructifiquem na venturosa paz dos sonhos satisfeitos. Mas a vida é ardua e a conquista difficil, d'onde a produção resentir-se do estado de espirito dominante que a tem escravizada aos martyrios do dia a dia, sem que o artista libetar-se possa, para o vôo amplo e rasgado, da grillheta que o prende e d'essa verdadeira camisa de forças que o cinge. Por isso tambem a toda a obra

d'arte em Portugal, salvo poucas excepções, faltar harmonia e unidade, accentuar desfallecimentos, tedio e azedume; porquanto, durante os annos meliores da vida, a energia moral nos desfallece n'uma productividade inverosimil, conseguindo alfm, quando o trabalho de technica é já per-



A hora do trabalho



feito, estacar na doida carreira por mingoaem esperanças, ou por se topar inerte o fundo de belleza emocional e idealogica que se não poude galvanisar nos dolorosos momentos de incerteza, de desespero e de coiera.

A PAIZAGEM  RECANTO  
D'ARTE  CASA DE  
UM AGUARELLISTA

As rapidas linhas que atraz ficam foram-nos suggeridas quando de uma occasional visita, ha dias, a Roque Gameiro. O aguarellista illustre que elle é, vive n'uma eminencia, o Alto da Venteira, a cinco minutos, se tanto, da estação da Porcalhota. No ponto mais elevado do cerro, quasi em nivel com o leito da linha ferrea, e escarpado para as bandas que defrontam com Queluz e Ajuda, está a casa de Gameiro. Da estação até lá, a estrada, por este mez de maio florido, pouco offerece de captivante



aos nossos olhos citadinos, pois que, na sua maioria, as construcções que a marginam cousa alguma exprimem de interessante ou de attrahente. A propria paizagem é arida, sem arvores quasi, sendo este o aspecto typico da região saloia que atravessámos. Apenas, lá longe, a estrada para Queluz é orlada de algumas oliveiras, troncos tão distanciados e pobres de folhagem que, já nas primeiras horas da manhã primaveril, o sol



1—Aspecto da casa do aguarellista (voltada ao ponto)  
2—GAMEIRO NO «ATELIER» (ao fundo vê-se o pastel de Ramalho)



«MARGARIDA VAE À FONTE»  
A canção popular como motivo pictural



se o surpreendermos de uma das janelas do alto torreão da casa de Roque Gameiro: —Que-luz até Cacem e Rio de Mouro...

Para se entrar na vivenda do artista urge galgar uma cancella, atravessar uma alea que primeiras, verdejantes folhas de parra ensombram, e eis-nos no jardim. Mais meia duzia de passos e estamos em casa de Roque Gameiro, cuja fachada e interior é toda ella no estylo tradicional portuguez,

com sua modesta escadaria de accesso e pequeno alpendre typico.

Toda a construcção, que tem dez annos, se deve a Gameiro, que a planeou, estudou e desenhou nos seus minimos pormenores, presidindo, impaciente e ansioso, a todos os trabalhos até final. O seu sonho realisou-se. Conseguiu até, n'aquelle arrabalde onde as arvores não crescem, quasi que uma frondosa matta, trans-

dardeja sobre quem se atreva á digressão. No entanto, a linha extrema do horizonte onde se ergue a serra de Cintra, offerece a quem vive na cidade e d'olhos pouco afeitos a largas extensões panoramicas, impressões de grande scenario que os morosos occasos de luz por este periodo do anno enchem de varios tons, dando gradualmente mutações imprevisitas de magica.

Mas o panorama como que espande



1—Outro aspecto da casa  
2—Na sala de jantar: A' lareira

ferindo, assim, uma das vertentes do cerro em que a vivenda assenta, n'um terraplano que dir-se-hia, pela nota excepcional e adusta que proclama, ter sido trazido d'outra região, maravilhosa e fecunda, para aquella aridez desoladora.

Como dizemos, a construção tem dez annos, e durante este tempo até agora, Roque Gameiro, dando por vezes férias aos seus trabalhos de aquarellista exímio, eil-o percorrendo as nossas provincias, em busca de todos os elementos regionaes, característicos, motivos ornamentaes e mobiliario para completar o seu «interior», que é a verdadeira moradia de um artista pelo que exprime de simplicidade quasi rustica e de alegria suave.

A sala de jantar está completa. Orla as paredes um roda-pé de azulejo, lindo de côr propria e exacta, da fabrica das Caldas, de Raphael Bordallo Pinheiro, terminando por um rendilhado estylisado, de espigas de milho: Perto do tecto estende-se um friso, de azulejo tambem, em que se lêem aforismos, conceitos syntheticos de que a anonyma alma popular fez lemmas moraes e que é d'uso derivar-se para a «sabedoria das nações».

A lareira, larga e ampla, diz a felicidade dos dias tristes de inverno, quando a lenha crepita, dando-nos pois a illusão de que não estamos a alguns minutos de Lis-



boa, mas a cem legoas da capital. Mas, ao percorrer a deliciosa vivenda, esta impressão de belleza rustica e artistica repete-se, quer quando entramos nos diferentes aposentos, nos quartos de dormir e de costura, quer até quando descemos ao atelier. As camas, as commo- das, as arcas, os aparadores, as mezas, as candeias de azeite, de tres bicos, tudo remonta ao seculo XVIII e tem seu inilludivel cunho d'arte popular, tão pittoresco e accentuadamente portuguez que refere, nitidamente, o caracter, predilecções e felicidade de quem lá vive.

Por uma escada de corrimão de madeira, descemos depois ao atelier de Roque Gameiro, no pavimento inferior. A mesma estylisação, o mesmo chão pintado, o mesmo travejamento no tecto predominam. E' ali que o artista produz, porque Gameiro trabalha sem descanso quasi, explicando-se assim a prodigiosa quantidade de manchas, de esboços de estudos que o seu pincel exímio e dextro exalta triumphalmente. As aquarellas, algumas ainda por acabar, enchem o atelier. E Gameiro elucida-nos: —São paizagens recentemente começadas. Esta — e mostra-nos uma mancha de colorido vivo e transparencia, representan-



1—Um trecho do jardim  
2—A familia do pintor

(Clichés BENOLIEL)

do um recanto de herdade com aguas correndo entre hervaes e seixos — principiei-a hoje.

— E a que horas partiu para o campo?

— A's cinco da manhã. A's 9, 10 horas, quando regresso a casa, trago os meus cartões cheios, sempre, de apontamentos.

A colaboração do artista em publicações illustradas é tambem incessante, de fórma que Roque Gameiro se vê rodeado de gravuras e de velhos desenhos, e outros documentos com que estuda os assumptos, como aquellos preciosos trabalhos que são maravilhas de côr e de paciente reconstrução de epochas extinctas, em que se fixam typos e costumes portuguezes dos fins do seculo XVIII e principios do seguinte, dando-nos scenas de evocadora realidade, como se certos perfis e velhos habitos, sepultos já, renascessem sob o poder magico do pincel do illustre artista.

Pelas paredes, além do pastel, de Ramalho, que é um flagrante retrato de Gameiro, vêem-se outras aguarellas, destacados estudos e figuras episodicas que entraram em anteriores trabalhos de composição. E, como estamos no campo e em casa de um artista, impossivel nos foi fugir á fascinação da luz que lhe inundava a sala, entrando por trez janellas de rotula, e das molhadas de flôres dispersas em jarrões por toda a parte.

Mas, para darmos



Aguarellas de Roque Gameiro: POVEIROS TYPOS da beira-mar A REGATEIRA (Seculo XVIII)

à nossa impressão mais accentuado, necessario será referir o perfil de Gameiro na intimidade: — affavel e acolhedor, de cabello revoltado e barba rui-va, trajando, como esse outro pintor francez, seu camarada, Henri Martin, sob o casaco uma camisola de marinheiro, forte e agil, vivendo a vida em largos haustos, mas pagando-lhes em belleza a felicidade que ella lhes traz. Foi assim que o surprehendemos n'aquella recente manhã da nossa visita, por este mez florido de maio, a esse artista cuja arte reflecte, na fina transparencia das côres, na limpidez serena dos céos das suas paisagens, na ternura dos assumptos predilectos, quer nos motivos e comentarios de paz bucolica, e na ingenua graça das suas aldeas, como na frescura das correntes placidas que inundam os seus esboços, a paz serena, a paz abençoada do seu lar, entre a arte que nos prodigalisa a belleza e o sorriso juvenil e ardente das creanças, a quem se deve tambem essa outra belleza moral, mais triumphante e mais eternecedora ainda.

Roque Gameiro para ser comprehendido tem que ser estudado não, apenas, atravez a sua galeria de quadros n'uma fria sala de exposição, mas na intimidade, na familia, por que esse ambiente perfumado e cheio de sorrisos, que lhe enche o coração de ternura, é o mysterioso *sujet* que em todas as suas telas estremece.

SANTOS TAVARES.